



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
PRÓ-REITORIA DE ENSINO MÉDIO, TÉCNICO
E EDUCAÇÃO À DISTÂNCIA
PARFOR/CAPES/UEPB
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA**

FLAVIA AGUIAR SANTOS

**INCLUSÃO PARA ALUNOS COM TEA (TRANSTORNO DO ESPECTRO
AUTISTA) NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

**CAMPINA GRANDE, PB
2019**

FLAVIA AGUIAR SANTOS

**INCLUSÃO PARA ALUNOS COM TEA (TRANSTORNO DO ESPECTRO
AUTISTA) NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

Trabalho de conclusão de curso
apresentado como requisito para
obtenção de título de Licenciatura em
Educação Física, pela Universidade
Estadual da Paraíba – UEPB.

Orientador (a): Prof. Dr. Álvaro Luís Pessoa de Farias

**CAMPINA GRANDE - PB
2019**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S237i Santos, Flavia Aguiar.
Inclusão para alunos com TEA (transtorno do Espectro Autista) nas aulas de Educação Física [manuscrito] / Flavia Aguiar Santos. - 2019.
26 p.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação EAD em Educação Física) - Universidade Estadual da Paraíba, EAD - Campina Grande, 2019.
"Orientação : Prof. Dr. Álvaro Luís Pessoa de Farias, Departamento de Educação Física - CCBS."
1. Educação física. 2. Educação inclusiva. 3. Autismo. 4. Psicomotricidade. I. Título

21. ed. CDD 796

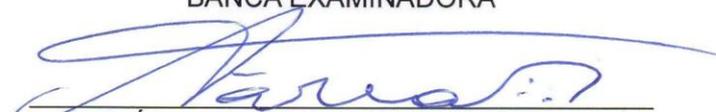
FLAVIA AGUIAR SANTOS

INCLUSÃO PARA ALUNOS COM TEA (TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA) NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado à Coordenação do Curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em Educação Física..

Aprovada em: 09/11/2019.

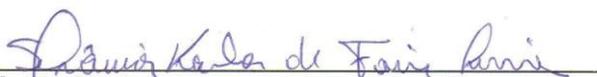
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Álvaro Luís Pessoa de Farias (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. Divanalmi Ferreira Maia (Examinador)
Faculdades Integradas de Patos (FIP)



Prof.ª. Me. Silvânia Karla de Farias Lima (Examinadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

AGRADECIMENTOS

A minha mãe que sempre me coloca em suas orações e me encoraja a nunca desistir;

Aos meus familiares e esposo que sempre me apoiaram;

Aos meus filhos que estão sempre ao meu lado, nos momentos de dificuldade;

Wilyane, minha companheira de todos os momentos;

Aos meus amigos aos quais convivi ao longo desses anos, em especial ao nosso grupinho;

Ao meu orientador Álvaro por aceitar e conduzir o meu relato de experiência;

A todos os professores pelo ensinamento e paciência todos esses anos, que permitiram hoje estar concluindo este trabalho;

A todos que participaram diretamente da pesquisa, pela colaboração e disposição no processo de obtenção de dados.

Dedico a concretização deste sonho primeiramente a Deus, a quem tenho fé, e por ser essencial em minha vida, autor do meu destino, meu guia e inspiração, presente em todas as horas da minha vida; e ao meu pai (*in memórian*) que faz morada no reino de Deus e sei aonde estiver, está comemorando minha conquista.

“As crianças especiais, assim como as aves, são diferentes em seus voos. Todas, no entanto, são iguais em seu direito de voar.” (Jessica Del Carmen Perez)

INCLUSÃO PARA ALUNOS COM TEA (TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA) NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

RESUMO

O presente estudo objetivou, observar o desenvolvimento do aluno autista em sua interação e desenvolvimento psicomotor nas aulas de Educação Física. A metodologia utilizada foi um estudo de caso, através de um relato de experiência, com uma criança autista na Escola Municipal de Ensino Fundamental CEAI (Centro Educacional e Atividades Integradas) - Governador Antônio Marques da Silva Mari. O Estágio supervisionado ocorreu no período de agosto a setembro de 2019, com aulas de 45 minutos, uma vez por semana, totalizando cinco aulas, que abordaram elementos da Psicomotricidade que compreenderam: equilíbrio e postura; coordenação dinâmica manual e motora global; noção espacial e orientação temporal as aulas de psicomotricidade foram benéficas para o aluno autista, tanto no sentido da ampliação dos seus movimentos, como também em suas relações com outras crianças através do brincar, favorecendo a obtenção de bons resultados a partir dessas interações.

Palavras-chave: Educação Inclusiva. Autismo. Psicomotricidade.

INCLUSION FOR TEA STUDENTS (AUTISTA SPECTRUM DISORDER) IN PHYSICAL EDUCATION CLASSES

ABSTRAT

This study aimed to observe the development of autistic students in their interaction and psychomotor development in Physical Education classes. The methodology used was a case study, through an experience report, with an autistic child at the Municipal Elementary School CEAI (Center for Educational and Integrated Activities) - Governor Antônio Marques da Silva Mari. The supervised internship took place from August to September 2019, with 45-minute classes once a week, totaling five classes, which addressed elements of Psychomotricity that included: balance and posture; manual dynamic coordination and global motor; spatial notion is temporal orientation the psychomotor classes were beneficial for the autistic student, both in the sense of expanding their movements, as well as in their relationships with other children through play, favoring the achievement of good results from these interactions.

Keywords: inclusive education. Autism. Psychomotricity.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 MARCO TEÓRICO	10
2.1 Educação inclusiva e autismo	11
2.2 Autismo: características e dificuldades na aprendizagem	13
2.3 Contribuições da educação física para o aluno autista	14
2.4 Psicomotricidade e Autismo	15
3 METODOLOGIA	16
3.1 Caracterização do estudo	16
3.2 Cenário do relato de experiência	16
3.3 Caracterização da criança autista	16
3.4 Proposta de intervenção	16
3.4.1 Período de intervenção	16
3.4.2 Etapas da intervenção	17
3.4.3 Metodologia das aulas	17
3.4.4 Conteúdos desenvolvidos	17
4 RELATO DE EXPERIÊNCIA	18
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	20
REFERÊNCIAS	22
ANEXO A - PLANOS DE AULA	24

1 INTRODUÇÃO

Neste trabalho trataremos sobre a inclusão do aluno autista nas aulas de educação física, na escola Municipal Governador Antônio Mariz, no município de Campina Grande/PB, abordando atividades psicomotoras que objetiva o desenvolvimento motor, afetivo e social, aprimorando comandos simples e proporcionando a comunicação, interação, equilíbrio e coordenação motora.

A Lei nº 12.764, que intitula a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista, sancionada em dezembro de 2012, relata que os autistas passem a ser considerados oficialmente pessoas com deficiência, com direito a todas as políticas de inclusão do país, entre elas, as de educação. Assim, o autismo passou a ser considerado legalmente como uma deficiência, e toda escola pública, estando preparada ou não, é obrigada a aceitar a inclusão de alunos com esse tipo de deficiência (BRASIL, 2012).

O Autismo pode ser caracterizado por anormalidades no comportamento destacando-se em três áreas do desenvolvimento: Interação Social, Linguagem e Comunicação, bem como a presença ou repertório de comportamentos e interesses restritos ou estereotipados e repetitivos. A Educação Física pode auxiliar no desenvolvimento físico, mental, e afetivo por garantir uma regularidade da prática de atividade física, aprimorando comando simples e proporcionando a comunicação, interação e coordenação motora para os alunos Autistas.

Os alunos autistas entram na grade curricular normal da escola, e têm direito a um monitor acompanhando sua rotina de aprendizado em todas as disciplinas. Os professores de Educação Física quando são motivados a estudar, pesquisar a inclusão, sobretudo no campo de desenvolvimento e interação, atuam no campo de forma mais eficaz no processo de ensino aprendizagem, e coloca em prática a metodologia que atenda de forma inclusiva os alunos com Autismo.

No Brasil é recorrente essa questão do Autismo, diante disto é relevante realizar uma pesquisa na qual evidencie o desenvolvimento dos alunos com TEA (Transtorno do Espectro Autista). Neste sentido o presente estudo tem como objetivo observar o desenvolvimento do aluno autista em sua interação e desenvolvimento psicomotor nas aulas de Educação Física.

2 MARCO TEÓRICO

A inclusão nas escolas de ensino regular pode ser útil tanto para os alunos com necessidades educacionais especiais quanto, para os ditos “normais”, desde os alunos até o corpo docente e administrativo da escola, pois a mesma traz consigo o resgate dos valores e o respeito pela diferença. Como Carvalho (1999) afirma que, a mesma traz benefício a todos, pois podem desenvolver solidariedade, respeito às diferenças e cooperação uns para com os outros.

A educação inclusiva trata-se de uma educação em que a escola tem que se adaptar ao indivíduo que se busca incluir e não o contrário. Isso deve ficar bem claro para a sociedade em que a escola esteja inserida bem como para a prática de Educação Física Escolar.

O debate sobre a Educação Especial e Inclusiva no Brasil ganhou fôlego durante a tramitação do Plano Nacional de Educação (PNE), que traça 20 metas para o país cumprir em dez anos. A principal polêmica ocorreu por conta da possibilidade de as crianças e jovens com deficiência serem matriculadas em escolas especiais e não obrigatoriamente na rede regular de ensino. Na redação final da meta, essa opção foi mantida. Organizações especializadas no tema afirmam que o texto do PNE fere tratados internacionais sobre o tema, assinados pelo Brasil (BRASIL, 2001).

Então, diversos documentos respaldam tal legalidade em que é assegurada a educação inclusiva preferencialmente na escola regular, desde leis que tratam da inclusão dos indivíduos com necessidades educacionais especiais como todo na educação, até a inclusão com respaldo legal específico do autista na sala regular. Uma efetiva inclusão para se adequar de acordo com as leis, na escola é necessário à formação, preparo e dedicação dos docentes.

Desse modo, Santos (2010), afirma que, a formação dos professores para atuação do trabalho com a diversidade é de grande importância, pois é essencial para a inclusão efetiva.

Concomitantemente, Cunha (2014, p. 101) afirma que,

Não há como falar em inclusão sem mencionar o papel do professor. É necessário que ele tenha condições de trabalhar com a inclusão e na inclusão. Será infrutífero para o educador aprender sobre dificuldades de aprendizagem e modos de intervenção psicopedagógica se não conseguir incluir o aluno.

Pois o educador tem uma significativa importância para a inclusão do educando, pois se tal profissional não exercer seu trabalho como é pra ser será uma exclusão ao invés de inclusão.

De acordo com Tomé (2007), a implantação da educação física no ensino dos autistas, favorece o desenvolvimento de habilidades sociais e possibilita uma melhora na qualidade de vida desses sujeitos. No entanto, para uma atividade eficaz na aprendizagem do autista é necessário conhecer cada aluno de maneira individual, sabendo dos seus interesses, de suas habilidades motoras e de suas capacidades comunicativas.

2.1 Educação inclusiva e autismo

A inclusão no Brasil, é uma ação política, cultural, social e pedagógica que objetiva garantir o direito de todos os alunos de estarem juntos. A Educação Especial vem sendo discutida a partir da Declaração Universal dos Direitos Humanos, em 1948. Mesmo que a Lei de Diretrizes e Bases, proponha que as pessoas com deficiência devam ser inseridas, preferencialmente, no ensino regular, foi apenas a partir da Constituição de 1988 e sob a influência da Declaração de Jomtien (1990) e da Declaração de Salamanca (1994), que, em nosso país, começou a ser discutida a universalização da educação, e a implantação da política de Educação Inclusiva nas escolas, culminando com a Política Nacional de Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva (NUNES et al, 2013).

A definição do público-alvo da educação especial é em decorrência da legislação em vigor. A Lei Nº 9.394/96 (BRASIL, 1996), das Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), é genérica nesse sentido. Indica apenas, “[...] educandos portadores de necessidades especiais” (Art. 58), sem explicitação. A Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (BRASIL, 2008) define e classifica o público-alvo da educação especial, sendo: pessoas com deficiência, com transtornos globais do desenvolvimento e com altas habilidades ou superdotação.

A educação inclusiva parte do objetivo de que todos os alunos estão na escola para aprender e, por isso, participam e interage, independentemente de qualquer dificuldade que possa evidenciar e às quais cabe à escola adaptar-se. Esta atitude constitui um desafio que cria novas situações de aprendizagem para toda

comunidade escolar. Nesse sentido, a escola é um lugar que proporciona interação de aprendizagens significativas a todos os seus alunos, baseada na diferenciação individual (BRAGA, 2010).

A Educação Inclusiva sugere com mudanças no modelo de ensino e das práticas pedagógicas, visando o benefício escolar de todos. É uma proposta que transforma práticas tradicionais que explicam as dificuldades dos alunos por seu suposto “déficit”, em direção a uma prática inovadora que entende as necessidades específicas de aprendizagem dos alunos (ARAÚJO, 2011).

A inclusão nas atividades recreativas consiste em vários benefícios, especialmente em atividades onde a integração social tem chances de acontecer com naturalidade. A participação do aluno autista na recreação e nos esportes estabelece um padrão de exercício físico com duração por toda a vida. Além dos benefícios de saúde proporcionados por ele, as habilidades permitem que as crianças se divirtam com os colegas proporcionando as chances de diversão (SMITH, 2008).

Crianças autistas é um desafio para a escola, e toma uma proporção maior, na medida em que as manifestações do comportamento estereotipado é um dos aspectos que assume maior relevância no âmbito social, representando uma barreira significativa para o estabelecimento de relações entre as mesmas e o seu ambiente. Além de implicações qualitativas nas trocas interpessoais nas salas de aula, sobretudo nas atitudes inesperadas, atraindo a atenção das pessoas, despertando temor e desconfiança (BRAGA, 2010).

Assim, é preciso dar possibilidades as crianças com autismo oportunidades de conviver e interagir com outras crianças, possibilitando o estímulo das suas capacidades interativas, impedindo o isolamento. A interação é a base para o desenvolvimento, de qualquer outra criança, e a convivência compartilhada da criança com autismo na escola, a partir da sua inclusão no ensino regular, possa oportunizar os contatos sociais e favorecer não só o seu desenvolvimento, mas o das outras crianças, na medida em que estas aprendam com as diferenças (CAMARGO; BOSA, 2009).

Vygotsky (1997), em seus estudos sobre defectologia, afirmava os benefícios da inserção de crianças com deficiência mental em grupos homogêneos, assim as crianças mais capazes atuavam como mediadoras no processo de aprendizagem. As trocas de conhecimento remetem ao conceito de mediação, que, desempenha

papel fundamental, em que as trocas exercem funções importantes para o desenvolvimento e a aprendizagem.

2.2 Autismo: características e dificuldades na aprendizagem

O autismo é definido como *Transtorno do Espectro do Autismo*, caracterizado pelo desenvolvimento acentuadamente atípico da interação social e comunicação, que persiste por toda a vida e não possui cura. Os comprometimentos iniciam-se antes dos três anos de idade, quando os pais, já percebem e preocupam-se com as limitações observadas, que se tornam cada vez mais aparentes ao longo do desenvolvimento (CAMARGO; BOSA, 2009).

As dificuldades no autismo variam de acordo com o nível do desenvolvimento mental e a idade cronológica da criança. Assim, quanto maior o comprometimento cognitivo, maior a tendência a isolar-se e a não se comunicar, por dificuldade em compreender as interações sociais no meio em que vive (SANINI; BOSA, 2015).

O autismo pode ser encontrado em famílias de qualquer configuração racial, étnica e social. Não se conseguiu ainda comprovar nenhuma causa psicológica, ou no meio ambiente destas pessoas que possa causar o transtorno. Os Sintomas são causados por disfunções físicas no cérebro, verificadas pela anamnese, exame ou entrevista. As principais características são: Distúrbios no ritmo de habilidades físicas, sociais e linguísticas; Reações anormais às sensações, alterações na visão, audição, tato, dor, equilíbrio, olfato, gustação e maneira de manter o corpo; Fala ou linguagem ausente ou atrasada e certas áreas específicas do pensar, presentes ou não (ALVES et al, 2010).

A distração é um problema comum dos alunos autistas, eles reagem de diversas formas na sala de aula como por exemplo: ruídos externos de carro, acompanhando visualmente os movimentos na sala de aula, ou “estudando” o lápis do professor na mesa ao invés de terminar o trabalho pedido. A maioria de alunos autistas distraem por alguma coisa específica, as distrações divergem consideravelmente de uma criança para outra (RODRIGUES, 2006).

De acordo com Mello (2001), o tratamento mais adequado para crianças autistas inclui escolas especializadas e apoio dos pais. Autistas geralmente se

desenvolvem melhor em instituições educacionais bem estruturadas, onde professores tenham experiência com o presente transtorno. Programas comportamentais podem reduzir a irritabilidade, os acessos de agressividade, os medos e os rituais, assim como promover um desenvolvimento mais apropriado.

A educação do autista é dificultada pela ausência de sociabilização, que faz com que o autista tenha uma consciência pobre sobre outra pessoa e é responsável, em muitos casos, pela falta ou diminuição da capacidade de imitar, que uns dos pré-requisitos essencial para o aprendizado, e também pela dificuldade de se colocar no lugar de outro e de compreender os fatos a partir da perspectiva do outro (RIVIERI, 1995).

2.3 Contribuições da educação física para o aluno autista

A Educação Física é uma área que trabalha aspectos psicológicos, biológicos, sociológicos e culturais e a relação entre eles, possuindo um importante papel no desenvolvimento global dos alunos, principalmente daqueles com deficiência, tanto no desenvolvimento motor quanto no desenvolvimento intelectual, social e afetivo (STRAPASSON; CARNIEL, 2007).

A atividade física tem a finalidade fornecer à criança o que ela necessita para manter em boa saúde e exercer a sua motricidade facilitando a tomada de consciência da imagem do corpo no espaço e suas capacidades de adaptação e de cooperação. Contribuindo para sua expansão e conquista dos obstáculos vencidos (SILVA, 2001).

As aulas de educação física proporciona o desenvolvimento global de seus alunos, ajudando para que o mesmo consiga atingir a adaptação e o equilíbrio que requer suas limitações e ou deficiência; identificar as necessidades e capacidades de cada educando quanto às suas possibilidades de ação e adaptações para o movimento; facilitar sua independência e autonomia, bem como facilitar o processo de inclusão e aceitação em seu grupo social, quando necessário (STRAPASSON; CARNIEL, 2007).

A Educação Física é um elo de grande importância no processo de adaptação do aluno autista, faz-se necessário que o professor encare o desafio para encontrar a maneira mais adequada e a forma correta de ensinar a estas crianças não só a vencerem seus obstáculos, mas também desenvolver suas potencialidades.

Segundo Gorla (2001), é necessário que ocorra uma intervenção a fim de que as crianças com autismo não permaneçam com dificuldades cognitivas, psicomotoras, afetivas, e de interação. Pois, a Educação Física é capaz de contribuir na melhoria de suas habilidades motoras e suas habilidades da vida diária.

A Educação Física é uma ferramenta capaz de potencializar a socialização e interação das crianças autistas, desenvolvendo sua consciência corporal através do próximo, potencializando a socialização (LIMA; DELALÍBERA, 2007).

Araújo (2011), afirma o direito que as pessoas com deficiências possuem de praticar a Educação Física, crendo nos benefícios desenvolvido pelas crianças com autismo em busca de seu desenvolvimento global.

2.4 Psicomotricidade e Autismo

Gonçalves (2011), afirma que a Psicomotricidade é uma condição de intervenção com crianças autistas, por promover o desenvolvimento em várias características que estas crianças apresentam como: movimentos estereotipados, que fortalecem a interiorização da criança ao se movimentar em torno de si mesma e dificultam a relação desta com o mundo exterior.

A intervenção com autistas, independente das características que esta apresenta, é importante que os exercícios psicomotores estabeleça algum tipo de comunicação e um vínculo que contribuirá para o desenvolvimento dessa criança. A conquista do vínculo e da comunicação pode se tornar difícil, devido à dificuldade que a criança autista tem em descentrar-se de seu próprio corpo e abrir espaços para novas relações (MARQUES, 2010).

Exercícios psicomotores facilitam o acompanhamento e desenvolvimento de alunos especiais. É necessário que os professores envolvidos possam conhecer as vantagens de estimulá-los através da psicomotricidade, proporcionando uma vida saudável e produtiva, criando uma ligação segura e adequada ao desenvolvimento do corpo e mente. Toda escola inclusiva deve proporcionar que o aluno vença suas dificuldades, tornando-se livre para aprender e para viver e a psicomotricidade pode é um excelente caminho (CAMPELO, 2018).

De acordo com Barros e Barros (2005, p. 34) “a psicomotricidade é vista como ação educativa integrada e fundamentada na comunicação, na linguagem e

nos movimentos naturais conscientes e espontâneos. Tem como finalidade normalizar e aperfeiçoar a conduta global do ser humano”.

3 METODOLOGIA

3.1 Caracterização do estudo

Trata-se de um estudo de caso, através de um relato de experiência. Um relato de experiência propõe tornar visível e compartilhar com outros profissionais e estudantes uma vivência prática.

3.2 Cenário do relato de experiência

As aulas foram aplicadas na Escola Municipal de Ensino Fundamental CEAI (Centro Educacional e Atividades Integradas) - GOVERNADOR ANTONIO MARQUES DA SILVA MARIZ, no município de Campina Grande/PB. Possui 852 alunos matriculados e 30 alunos de Atendimento Educacional Especializado. A escola possui uma infraestrutura ampla e com acessibilidade, com banheiro adaptado para alunos com deficiência, rampa de acesso para quadra poliesportiva que está coberta e em fase de obras. Oferta 02 turmas modalidade de ensino de Educação Especial, no contra turno, para alunos com deficiência, da nossa escola e das escolas circunvizinhas que não foram contempladas com a Sala de Recursos Multifuncional.

3.3 Caracterização da criança autista

Sexo masculino, 12 anos, nasceu no dia 01 de março de 2007, com diagnóstico de autismo e deficiência intelectual, laudo F84 e F72, estuda o 4º ano do ensino fundamental I, procuramos não identificar pelo nome para manter o anonimato da criança.

3.4 Proposta de intervenção

3.4.1 Período de intervenção

O Estágio supervisionado ocorreu no período de agosto a setembro de 2019, com aulas de 45 minutos, uma vez por semana, totalizando cinco aulas.

3.4.2 Etapas da intervenção

A intervenção foi distribuída em cinco aulas trabalhando diferentes elementos psicomotores.

3.4.3 Metodologia das aulas

A estrutura das aulas e a metodologia de ensino foi baseada em exercícios psicomotores, procurando contemplar atividades dinâmicas e lúdicas, estimulando o comportamento exploratório, habilidades motoras, interação com objetos e comandos verbais.

3.4.4 Conteúdos desenvolvidos

Os conteúdos foram conduzidos através da abordagem dos elementos da Psicomotricidade que compreenderam: equilíbrio e postura; coordenação dinâmica manual e motora global; noção espacial e orientação temporal.

4 RELATO DE EXPERIÊNCIA

Durante o período de agosto a setembro de 2019, foram lecionadas cinco aulas de educação física com um aluno autista, na Escola Municipal Governador Antônio Mariz, no município de Campina Grande/PB. Damos início a pesquisa de campo pautada em exercícios psicomotores, com aulas dinâmicas e lúdicas, como trata-se de um aluno autista, é importante estabelecer uma rotina, os momentos são reconhecíveis e ele ficara mais confortável e receptivo com as atividades.

A inclusão na recreação traz vários benefícios, especialmente em atividades nas quais a integração social tem chances de acontecer com naturalidade. A participação do aluno nas aulas foi de extrema importância, para inclusão do mesmo que por motivos desconhecidos não participava.

A escolha por exercícios psicomotores, foi por seu direcionamento de encontro às necessidades do autista, as quais têm características evidentes de desestruturação sensorial, motora, na linguagem e na capacidade de perceber ambientes sociais, contextuais e correlacionar com a linguagem verbal ou não-verbal.

Na aula de postura e equilíbrio, buscou que o aluno conquistasse certas posturas corporais, como também desenvolver a concentração e atenção, ao pular em apenas um membro inferior foi observado uma certa dificuldade de assimilar o conteúdo apenas com o comando verbal, precisou de demonstração. Mas, ao realizar a atividade sentiu insegurança pelo peso corporal, em relação ao equilíbrio, realizou todas as atividades com desenvoltura, no equilíbrio estático e dinâmico.

Na coordenação dinâmica manual, buscou desenvolver noções da coordenação manual e dominar o campo visual, usamos os olhos com o fim de focar a atenção em um estímulo e ajudar o cérebro a saber em que lugar do espaço está o corpo, mesmo não conseguindo acertar o alvo, com a bola, tentou várias vezes, foi bastante divertido, com risadas e empolgação, mostrando iniciativa do brincar, que também é um exercício de estímulo.

Na Noção espacial, buscou desenvolver noções de direita, esquerda, acima e embaixo, foi observado dificuldades, não consegue formar a imagem mental do seu corpo em relação ao meio.

Coordenação motora global, objetivou desenvolver grandes grupos musculares e conexões cerebrais, como controlar o movimento durante a atividade, uma das atividades realizada foi um circuito de obstáculos, o aluno desempenhou todo o trajeto de acordo com os comandos e de maneira harmoniosa, trabalhando grupos musculares com capacidade de execução de diferentes movimentos em diversos segmentos corpóreos ao mesmo tempo.

Finalizamos com o conteúdo com a orientação temporal, onde buscou desenvolver noção de tempo, o aluno encontrou dificuldades de desenvolvê-las corretamente, não sabe distinguir o rápido do lento, não tem consciência da interiorização dos ritmos motores corporais, e nem percepção dos ritmos exteriores. Esta passagem é indispensável para que a criança possa tomar conta de seus próprios movimentos e organiza - lós a partir da representação mental.

De acordo com a professora, o aluno autista encontra-se no nível silábico, chegando em alguns momentos a realizar leitura de palavras simples com mediação. Em sala de aula apresenta boas relações interpessoais, compreende regras, participa de atividades grupais e interage bem e realiza atividades individuais com auxílio da cuidadora.

As atividades pedagógicas são adaptadas ao seu nível de leitura e escrita, o que vem proporcionando avanços cognitivos significativos. De forma independente grafou seu nome completo, reconta histórias, desenha o que vê nos livros infantis e também espontaneamente se expressa através das artes visuais. Tem percepção de espaço e lateralidade, mas apresenta um desequilíbrio na marcha, o que não prejudica o seu desempenho cognitivo.

No Atendimento Educacional Especializado (AEE), o aluno frequenta assiduamente um horário no contra turno, realiza todas as atividades propostas, que envolve diversos jogos e estimulação para o desenvolvimento do letramento. Escuta atentamente as histórias infantis, apresenta boa coordenação motora para realizar jogos de forma independente no computador e necessita de mediação para desenvolver atividades escritas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das observações realizadas foi possível perceber que o aluno se apegou afetivamente as aulas, como também destacar que as limitações biológicas do diagnóstico da Síndrome de Autismo não o impediram de avançar em sua relação social e em sua trajetória nas aulas de psicomotricidade.

Durante as aulas foi observado, que apesar do autismo ser conhecido pela dificuldade de interação social, o aluno demonstrou interação com os colegas e boa evolução durante as atividades, explorou a quadra, os objetos e o seu corpo, os estímulos fornecidos contribuíram para o seu desenvolvimento motor e bons resultados de interação.

Podemos considerar que as aulas de psicomotricidade foram benéficas para o aluno autista, tanto no sentido da ampliação dos seus movimentos, como também em suas relações com outras crianças através do brincar, favorecendo a obtenção de bons resultados a partir dessas interações. No decorrer das intervenções, o aluno autista foi se desenvolvendo e conquistando, de forma gradativa e singular, sua autonomia, apesar do pequeno período de aulas e de suas limitações.

As observações aqui abordadas merecem maiores investigações, no que diz respeito, às as aulas de Psicomotricidade pode oferecer para a criança autista, a fim de proporcionar mais conhecimento acerca dessa prática, enquanto caminho para o desenvolvimento da criança, considerando suas singularidades e potencialidades apresentadas durante o percurso.

REFERÊNCIAS

ALVES, M, M, C et al. A criança autista no mundo chamado escola. **Ed. Gênero e Diversidade**, v.3, n.1, 2010.

ARAÚJO, V, C. Infância e educação inclusiva. **Rev. Perspectivas**, v.23, n.1, 2011.
BARROS, D.; BARROS, D. R. **A Psicomotricidade, essência da aprendizagem do movimento especializado**. 2005 Disponível em: <www.geocities.com/grd_clube/Revista/Psicoess.html>. Acesso em: 06 jul. 2019.

BRASIL. **Câmara dos Deputados, Legislação Informatizada – Decreto nº 6.571, de 17 de setembro de 2008**. Disponível em: <http://www2.camara.br/legin/fed/decret/2008/decreto-6571-17-setembro-2008-580775-publicacao-original-103645-pe.html>/. Acesso em: 06 set. 2015.

BRASIL. **Plano Nacional de Educação (PNE)**, 2001. Disponível em: <http://pne.mec.gov.br/>. Acesso em: 30 de jul. 2019.

BRASIL. **Lei nº 12.764/2012: Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista**, 2012. Disponível em: <https://jus.com.br/artigos/48333/lei-n-12-764-2012-direitos-da-pessoa-com-transtorno-do-espectro-autista>. Acesso em: 28 de jul. 2019.

BRASIL. **Lei Nº 9.394/96: Diretrizes e bases da educação nacional**, 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm. Acesso em: 24 de jul. 2019.

BRAGA, C.C. S. **Perturbações do Espectro do Autismo e inclusão: atitudes e representações dos pais, professores e educadores da infância**. (Dissertação) – Universidade do Minho, Mestrado em Educação especial, 2010.

CAMARGO, C, P, H; BOSA, C, A. Competência social, inclusão escolar e autismo: revisão crítica da literatura. **Psicologia e sociedade**, v.21, n.1, 2009.

CAMPELO, F, M, D. **A estimulação psicomotora como fator de inclusão e socialização de escolares com transtorno espectro autista**. (Monografia) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Especialização em Psicomotricidade clínica e escolar, 2018.

CARVALHO, R, E. Educação inclusiva: o que estamos falando. **Rev. Educação especial**, v.3, n.26, 1999.

CUNHA, E. **Autismo na escola: um jeito diferente de aprender, um jeito diferente de ensinar – ideias e práticas pedagógicas**. 2 ed. RJ: Wak, 2014.

GONÇALVES, I. A. M. **A psicomotricidade e as perturbações do espectro do autismo no centro de recursos para a inclusão da appda-lisboa**. (Dissertação Mestrado) – Universidade Técnica de Lisboa, Mestrado em Reabilitação Psicomotora, Lisboa, 2011.

GORLA, J, I. **Coordenação motora de portadores de deficiência mental: avaliação e intervenção**. (Dissertação) – Universidade Estadual de Campinas, Mestrado em Educação Física, São Paulo, 2001.

LIMA, E, A; DELALÍBERA, E, S, R. **A contribuição da Educação Física na Socialização da Criança Autista**. Maringá: V EPCC Encontro Internacional de Produção Científica Cesumar 23 a 26 de outubro de 2007. Disponível em: <http://www.cesumar.br/prppge/pesquisa/epcc2007/anais/emiliene_aparecidade_lim a.pdf>. Acesso em: 07 de agost. 2019.

MARQUES, R. Q. A psicomotricidade no autismo infantil trabalhando o corpo por meio da estimulação sensorial. **Psicomotricidade na saúde**. Rio de Janeiro: Wak, Cap. 12, p. 159-174, 2010.

MELLO, A. M. S. **Autismo: guia prático**. São Paulo: AMA; Brasília: Corde, 2001.

NUNES, S, S et al. Educação inclusiva: Entre a história, preconceitos, escola e família. **Psicologia: ciência e profissão**, v.35, n.4, 2013.

RIVIERE, A. **O desenvolvimento e a Educação da criança autista**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

RODRIGUES, D. **Inclusão e educação: doze olhares sobre a educação inclusiva**. São Paulo: Summus, 2006.

SANINI, C; BOSA, C, A. Autismo e inclusão na educação infantil: crenças e autoeficácia da educadora. **Estudos de Psicologia**, v.20, n.3, 2015.

SANTOS, T, C, C. **Educação inclusiva: práticas de professores frente a deficiência intelectual**. (Dissertação) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Mestrado em Educação, 2010.

SILVA, S. G. Os benefícios da atividade física para as pessoas com autismo. **Diálogos em Saúde**, v.1, n.2, 2001.

SMITH, D. D. **Introdução à Educação Especial: ensinar em tempos de inclusão**. 5. Ed. Porto Alegre: Artmed, 2008.

STRAPASSON, A; CARNIEL, F. A educação física na educação especial. **Revista Eletrônica**, Buenos Aires, ano 11, n.104, 2007. Disponível em: <<http://www.efdesportes.com>>. Acesso em 02 de agosto de 2019.

TOMÉ, M. C. **A educação física como auxiliar no desenvolvimento cognitivo e corporal dos autistas**, 2007. Disponível em: https://www.toledo.pr.gov.br/sites/default/files/autista_0.pdf. Acesso em: de jul.2019.

VYGOTSKY, L. S. **Obras escogidas: fundamentos de defectologia**. Tomo V. Madrid: Bisor, 1997.

APÊNDICE A - PLANOS DE AULA

AULA 1

Conteúdo: Equilíbrio e postura

Objetivos: Conquistar e manter certas posturas corporais; Desenvolver a concentração e atenção.

Recursos: Bola; Fita e/ou corda.

Procedimentos Metodológicos: Pedir ao aluno que pule num pé só, ande nas pontas dos pés e com ajuda dos membros superiores ande em linha reta com uma bola na cabeça; No segundo momento, com o auxílio de uma bola pedir para o aluno que salte para alcançá-la; Procurando manter o equilíbrio, o professor pedirá que o aluno ande sobre uma corda, com os pés descalços e membros superiores abertos.

AULA 2

Conteúdo: Coordenação Dinâmica Manual

Objetivos: Desenvolver noções da coordenação manual; Dominar o campo visual.

Recursos: Bola; Garrafa.

Procedimentos Metodológicos: Com auxílio de uma garrafa e o aluno com posse de uma bola, ao sinal do professor deverá acertar o alvo, tentando derrubar a bola; No segundo momento, com o auxílio do professor, jogar a bola uma para o outro, alternando distâncias e posições.

AULA 3

Conteúdo: Noção Espacial

Objetivos: Desenvolver noções de direito/esquerdo/ acima/ embaixo

Recursos: Giz; Bola

Procedimentos Metodológicos: Com o auxílio de uma bola e ao comando do professor o aluno deverá posicionar a bola para cima, para baixo e para os lados. No segundo momento o professor riscará uma linha no chão, um lado será direito e o outro esquerdo, na posição e ao comando do professor, o aluno deverá pular para o lado do comando.

AULA 4

Conteúdo: Coordenação Motora Global

Objetivos: Desenvolver grandes grupos musculares e conexões cerebrais; Controlar o movimento durante a atividade.

Recursos: Garrafas; Giz

Procedimentos Metodológicos: Com o auxílio de garrafas o professor montará um circuito com obstáculos. No segundo momento será realizada duas atividades a primeira, o professor desenhar círculos no chão formando um caminho e pedirá que o aluno pule dentro dos círculos até completar todo o percurso, por último professor e aluno simulará uma partida de futebol, com auxílio da bola, chutando um para o outro.

AULA 5

Conteúdo: Orientação Temporal

Objetivos: Desenvolver noções de tempo, percebendo que tudo acontece em um determinado tempo.

Recursos: Apito; Bola

Procedimentos Metodológicos: Com o auxílio de um apito, o aluno correrá ao ritmo do professor, o mesmo marcará o ponto de partida e de chegada para o aluno concluir a atividade. No segundo momento o aluno lançará uma bolinha para cima e baterá palma, tentando segurar a bola na volta.